



DIFERENTES LINGUAGENS NO ENSINO DE GEOGRAFIA: PROPOSTA DE APRENDIZAGEM E INCLUSÃO PARA ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA VISUAL

DOI: 10.56579/eduinterpe.v1i3.2294

Rafael de Souza Ferreira¹

¹ Graduado em Licenciatura em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia. Pós-graduando em metodologia do ensino de Geografia pela UNIASSELVI. E-mail: rafaelsferreira99@outlook.com

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo discutir propostas de ensino e inclusão nas aulas de Geografia com o uso das diferentes linguagens na formação dos educandos com deficiência visual. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa e bibliográfica em repositório online por meio de palavras-chave que permitiram um estudo do tema e discussão no desenvolvimento desse trabalho, alcançando a seleção de algumas linguagens e ferramentas de ensino que podem contribuir para a inclusão dos estudantes com deficiência visual no ensino de Geografia. Assim, as linguagens e ferramentas de ensino selecionadas foram: música, mapa tátil, maquete tátil, cordel, podcast e relatos de vivências que se apresentaram viáveis para o processo de ensino-aprendizagem em Geografia em uma perspectiva inclusiva, de modo que contribua para a formação desses educandos na sala de aula, proporcionando a socialização, dinamização e inclusão no processo formativo.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Diferentes linguagens; Inclusão.

INTRODUÇÃO

A inclusão de estudantes com deficiências no espaço escolar tem provocado novas reflexões no processo de ensino-aprendizagem, de modo a garantir não só o acesso desses sujeitos no espaço escolar, mas também proporcionar e assegurar o direito de aprender de forma ativa na sala de aula, exigindo do professor novas práticas de ensino por meio de novas metodologias e linguagens de ensino. Portanto, discutir o uso das diferentes linguagens como proposta para uma aprendizagem que todos possam ser incluídos nesse processo de construção do conhecimento é fundamental para o desenvolvimento do raciocínio geográfico crítico, possibilitando de forma igualitária a participação e contribuição nas discussões em sala de aula, a partir das vivências e formas de perceber o espaço geográfico pelos educandos.

Dessa forma, o presente trabalho busca responder às seguintes questões norteadoras da pesquisa: como o uso das diferentes linguagens nas aulas de Geografia pode contribuir para a inclusão e aprendizagem dos estudantes com deficiência visual? De que maneira o uso das linguagens pode potencializar a aprendizagem e a socialização dos estudantes com deficiência visual em sala de aula? Essas questões foram estabelecidas a partir do ensino de Geografia e da prática docente em sala de aula observada durante as realizações dos Estágios Supervisionados em Geografia, em que constatou-se que muitas das vezes, as aulas foram desenvolvidas sob a luz dos métodos tradicionais, no qual o professor se coloca em uma posição central e detentora do conhecimento, transmitindo esses saberes



por meio de escrita no quadro, atividade a ser realizada no livro didático, sem a utilização dos diversos recursos didáticos que podem ser explorados na sala de aula, tornando as aulas monólogas, sem participação e inclusão dos estudantes no processo de ensino-aprendizagem. Partindo dessa realidade das aulas de Geografia, problematiza-se como as aulas de Geografia desenvolvidas com o uso dos métodos tradicionais podem contribuir para a exclusão e protagonismo dos estudantes, em específico os discentes com deficiência visual?

Partindo das questões e do problema de pesquisa, busca-se, de modo geral, discutir propostas de ensino e inclusão nas aulas de Geografia com o uso das diferentes linguagens na formação dos estudantes com deficiência visual. E, de modo mais específico, busca-se compreender o ensino de Geografia na sua concepção do uso do método tradicional na sala de aula e suas implicações na formação das pessoas com deficiência visual; discutir o uso e as potencialidades das diferentes linguagens no ensino de Geografia e apresentar proposta de ensino com o uso das diferentes linguagens para inclusão dos estudantes com deficiência visual na sua formação escolar.

Para tanto, o percurso metodológico para o desenvolvimento da pesquisa está centralizada em estudo bibliográfico e na seleção de algumas linguagens e ferramentas como proposta de ensino para inclusão dos estudantes com deficiência visual no processo de ensino-aprendizagem, a saber: música, mapa tátil, maquete tátil, cordel, podcast e relatos de vivências dos estudantes.

Portanto, essa discussão se apresenta de grande relevância para a educação e o ensino de Geografia na prática docente e aprendizagens dos estudantes, principalmente para inclusão dos estudantes com deficiência visual nesse processo, por meio da utilização das diferentes linguagens para esse propósito, ressaltando que não é fazer o uso pelo uso, mas a ligação da linguagem com o conteúdo e as devidas análises críticas para compreensão do assunto, de modo democrático e participativo. Assim, as linguagens podem proporcionar a leitura, interpretação e compreensão do espaço geográfico para as pessoas com deficiência visual e para os que não possuem deficiência, potencializando o ensino, a aprendizagem, a socialização, a formação crítica e cidadã dos estudantes.

O trabalho está subdividido em quatro sessões. Na primeira sessão, está a metodologia do trabalho, logo em seguida, uma breve discussão acerca da inclusão das pessoas com deficiência visual na educação. A terceira inclui o ensino de Geografia e as diferentes linguagens, já a quarta apresenta propostas de linguagens e ferramentas de ensino no processo de aprendizagem e inclusão dos educandos com deficiência e, por último estão as considerações finais e referências.

METODOLOGIA



O percurso metodológico para o desenvolvimento da pesquisa está centralizada na abordagem qualitativa, de natureza básica, com levantamento e estudo bibliográfico que “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científico” (Gil, 2002, p. 44). Assim, foi feita uma busca em repositórios online, tais como a Plataforma de Periódicos da Capes, a plataforma Scielo, e o Google Acadêmico, acerca de temas e palavras-chave como: Educação inclusiva; ensino de Geografia; Diferentes linguagens de ensino; Deficiência visual, entre outros.

Desse modo, a pesquisa bibliográfica permite explorar diferentes materiais já produzidos e ampliar a linha de raciocínio sobre o tema pesquisado, uma vez que cada autor apresenta diferentes pontos de vista ao discutir um tema. Assim,

a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente (Gil, 2002, p. 45).

Além disso, foram selecionadas algumas linguagens e ferramentas como proposta de ensino para inclusão dos estudantes com deficiência visual no processo de ensino-aprendizagem, a saber: a música, podcast, maquete, globo terrestre e relatos de vivências dos estudantes que são importantes para construção do conhecimento em sala de aula, além de proporcionar trocas de saberes, afetos, culturas, experiências e valorizar cada indivíduo com suas pluralidades e singularidades que preenchem o espaço educativo com suas diversidades. A partir dessas linguagens selecionadas, serão apresentadas e discutidas propostas de ensino em Geografia de modo que venham a completar os estudantes com deficiência visual na inclusão no processo de ensino-aprendizagem em sala de aula.

EDUCAÇÃO INCLUSIVA E DEFICIÊNCIA VISUAL

As pessoas com deficiência por muitos anos foram excluídas da sociedade de forma pejorativa e sendo associadas a maldição, conforme afirmam os autores:

No período da Inquisição e, posteriormente, na Reforma Protestante, as pessoas com necessidades especiais eram tratadas como uma personificação do mal. Com o decorrer das décadas e com os avanços da Medicina, novos conceitos foram sendo construídos e reconstruídos em relação a tais pessoas (Farias; Santos; Silva, 2009, p. 40).

A falta de conhecimento fez com que a sociedade promovesse diversos atos de segregação e violência contra as pessoas com deficiência e até mesmo as julgasse com algo “anormal”, distante da condição de seres humanos.

Com o passar dos anos, estudos científicos foram avançando e promovendo descobertas que contribuíram para o entendimento das diferenças que compõem as pessoas na sociedade e



promovendo a inclusão dos mesmos, compreendendo as deficiências, limitações de cada um na sociedade e seus direitos enquanto cidadãos que precisam ser garantidos.

Entretanto, esses direitos foram sendo garantidos aos poucos e ainda precisam avançar muito para que as pessoas com deficiência consigam de fato ter acesso à cidadania de forma plena e inclusiva. Assim, a inclusão e os direitos das pessoas com deficiência na sociedade brasileira foram gradativamente evoluindo, garantindo os direitos e deveres sem qualquer discriminação, conforme a Constituição Federal de 1988, no seu Artigo 5, que prevê a igualdade de todos perante a lei, sem distinção de qualquer natureza. Em seus Artigos 205 e 206, garantem a educação enquanto um direito de todos e igualdade de condições para acesso e permanência na escola. Além da Lei 13.146/2015, que institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).

No campo da educação, essas políticas também influenciaram a inclusão escolar das pessoas com deficiência, principalmente no final do século XX, conforme Santos (2022):

Ao final do século XX, houve um grande avanço para a educação em geral com a criação da Lei das Diretrizes e Bases da educação nacional, a educação inclusiva em especial foi beneficiada com um capítulo exclusivo para tratar das suas questões, o capítulo V. No Art. 58 a educação especial foi definida como “a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais no desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação” (Brasil, 1996 *apud* Santos, 2022, p. 19).

Assim, para Uchôa e Chacon (2022, p. 9), a “Educação Especial na perspectiva inclusiva considera as potencialidades dos alunos, superando a visão patológica da deficiência, que limita o indivíduo e questiona suas capacidades cognitivas”. Nessa linha de pensamento, a Educação Especial na perspectiva inclusiva valoriza as potencialidades do aluno, proporcionando uma educação que insere o modo de viver destes estudantes no espaço escolar sem qualquer distinção dos demais colegas.

Portanto, a Educação Inclusiva,

parte do princípio de que a educação é um direito de todas as pessoas, pautada na ideia de uma escola em que é possível o acesso e a permanência de todos os alunos e alunas, a partir de práticas que dispersem as barreiras que impedem a aprendizagem e valorizem as diferenças e a diversidade social e cultural, a partir de um diálogo intercultural (Uchôa e Chacon, 2022, p. 5).

Nesse sentido, a Educação Inclusiva promove a inserção dos estudantes no espaço escolar de modo que assegure o seu direito à educação de qualidade e a sua permanência, sendo cabível a escola promover as adaptações necessárias para os estudantes com deficiência, principalmente para os estudantes com deficiência visual, que necessitam de uma adaptação específica para locomoção



interna no espaço escolar, uma vez que os mesmos possui uma deficiência que impacta na sua visão de diferentes maneiras, podendo ser caracterizada: “pela diminuição da resposta visual, a qual pode ser: leve, moderada, severa, profunda (que compõem o grupo de visão subnormal ou baixa visão) e ausência total da resposta visual (cegueira)” (Costa, 2012 *apud* Herculano e Pimentel, 2018, p. 2).

Para além da estrutura física do espaço escolar, é preciso também pensar em uma educação de qualidade, que proporcione um ensino que integre os estudantes dentro de suas diversidades e especificidades no processo de ensino e aprendizagem, valorizando as identidades de cada estudante e seus saberes, atendendo às reais necessidades dos educandos.

Portanto, a educação inclusiva defende que a escola não seja apenas um espaço físico que se adapta às pessoas com deficiência, mas que proporcione a elas uma educação de qualidade e convívio com os demais educandos (Santos, 2022, p. 18).

Além disso, os estudantes portadores de deficiência devem ser atendidos preferencialmente na rede regular de ensino, conforme a Constituição Federal (1988).

Diante disso, é preciso que os professores estejam preparados para atender os estudantes com suas especialidades e desenvolver um ensino que acolha e insira os alunos nesse processo de construção do conhecimento de forma democrática, na qual a participação de cada sujeito seja valorizada com suas histórias, saberes e opiniões de diferentes modos de ver e perceber o mundo. Assim,

formar seus professores e equipe de gestão, bem como rever as formas de interação vigentes entre todos os segmentos que a compõem e que nela interferem. Isto implica em avaliar e re-desenhar sua estrutura, organização, projeto político -pedagógico, recursos didáticos, práticas avaliativas, metodologias e estratégias de ensino (Glat; Pletsch; Souza Fontes, 2007 *apud* Uchôa e Chacon, 2022, p. 6).

Portanto, os professores precisam estar preparados para desenvolver um ensino democrático, buscando novas metodologias e linguagens de ensino que incluam todos os educandos nesse processo de ensino-aprendizagem, garantindo uma educação significativa e de qualidade.

O ENSINO DE GEOGRAFIA E AS DIFERENTES LINGUAGENS

A Geografia Escolar, enquanto uma disciplina que discute questões da atualidade relacionadas ao espaço geográfico, objeto de estudo dessa ciência, tem um importante papel na formação dos educandos, permitindo-lhes compreender a sua própria realidade, formando cidadãos ativos na sociedade.

Entretanto, a prática docente que predomina nas escolas é a tradicional que ensina os conteúdos geográficos de forma acrítica e descontextualizada, colocando o livro didático como seu



principal recurso e fonte do saber a ser transmitido aos estudantes que apenas ouvem e escrevem o que o professor está ditando como verdades absolutas. Sobre essa prática de ensino tradicional, Queiroz e Moita (2007), afirmam que:

a proposta de educação era absolutamente centrada no professor, figura incontestável, único detentor do saber que deveria ser repassado para os alunos. O papel do professor estava focado em vigiar os alunos, aconselhar, ensinar a matéria ou conteúdo, que deveria ser denso e livresco, e corrigir. Suas aulas deveriam ser expositivas, organizada de acordo com uma sequência fixa, baseada na repetição e na memorização (Queiroz e Moita, 2007, p. 3).

Desse modo, o ensino de Geografia desenvolvido sobre essa concepção não contribui para uma formação significativa dos estudantes, tornando uma aula monóloga expositiva com escrita no quadro e memorização dos conteúdos estudados para serem avaliados em uma prova. Ou seja, uma aprendizagem insuficiente para compreender o espaço geográfico e suas mudanças que são diariamente divulgadas nas redes sociais e na mídia, no qual os estudantes não conseguem relacionar o contexto de sua vivência com os conteúdos da Geografia estudados na escola.

Além disso, essas práticas de ensino não contribuem para a inclusão dos estudantes com deficiência, em especial, os alunos com deficiência visual, uma vez que eles não conseguem visualizar o que está sendo escrito no quadro ou no próprio livro didático e tão pouco conseguem relacionar esses conteúdos com a sua realidade sem uma aproximação desses assuntos com o contexto social e local desse público.

Em concordância com essa linha de pensamento, (Zuba, 2006, p. 6), afirma que:

Então, na educação básica, precisamos ensinar a partir da leitura da vida e do espaço de vivência, por meio de marcos referenciais, conceitos, conteúdos, metodologias e técnicas, para levar adiante a importante tarefa de, juntos, professores e alunos, conhecerem a nova arquitetura do mundo. Contudo, o olhar espacial é o método a usar no ensino de Geografia, ou seja, o modo como devemos estudar a realidade que tem a ver com a vida dos alunos.

Ou seja, estudar Geografia a partir do olhar espacial da realidade dos estudantes permite uma educação contextualizada e voltada para os interesses dos alunos, em compreender seu próprio espaço. Para tanto, deve-se entender que a sala de aula é heterogênea, com diferentes características que precisam ser valorizadas nesse processo.

Assim, faz-se necessário adotar novas metodologias ativas que insiram os discentes no processo de ensino-aprendizagem de forma ativa e estimular a sua participação com aulas mais dinâmicas e interativas, o que poderá ser possível com o uso das diferentes linguagens. Isso por quê:



Atualmente é indiscutível que a produção cultural seja um importante aliado do ensino escolar. Vários conteúdos da escola podem ser auxiliados com utilização de obras literárias, artes plásticas, canções, peças teatrais, imagens, gibis, dentre outros. Compreendemos, também, ser papel da escola estimular e socializar o conhecimento de várias formas de expressão cultural, orientando e fornecendo elementos para uma análise crítica da realidade (Silva, 2007, p. 42-43).

As expressões culturais representam as manifestações que ocorrem no espaço geográfico na relação da sociedade com a natureza nas suas diferentes formas de apropriação do espaço, que são representadas nas diferentes expressões culturais, como em: filmes, músicas, fotografias, cordéis, poesias, entre outras.

Todas essas manifestações artísticas podem auxiliar no processo de ensino em Geografia, uma vez que representam um determinado espaço e contexto, retratando diversos assuntos geográficos, como político, cultural, social, econômico, ambiental, etc. Assim,

a adoção do uso das diferentes linguagens, para uma melhor abordagem científica do ensino da geografia, contribui para uma maior compreensão da sociedade como o processo de ocupação dos espaços naturais, baseado nas relações do homem com o ambiente, em seus desdobramentos políticos, sociais, culturais e econômicos (Alves, 2016, p. 29).

Desse modo, “as diferentes linguagens proporcionam ao educador trabalhar os conteúdos articulados a uma técnica que facilitará a compreensão do aluno” (Alves, 2016, p. 29).

As diferentes linguagens também possibilitam aos estudantes terem contatos com outras áreas do conhecimento em uma perspectiva interdisciplinar, relacionando o ensino de Geografia com outras linguagens. Assim, o processo de aprendizagem é bastante diversificado e dinâmico, rompendo a fórmula tradicional de ensinar, proporcionando aos estudantes novas possibilidades de aprender Geografia, e em construir um conhecimento que valorize a participação dos educandos nesse processo formativo.

Nessa perspectiva, a utilização das diversas linguagens em sala de aula constitui-se como importante estratégia metodológica que potencializa o processo de ensino-aprendizagem, pois permeiam os mais variados dispositivos e artefatos. Estes são passíveis de apropriação pedagógica, o que possibilita construir representações do conteúdo estudado, de forma que, fatos, fenômenos e processos geográficos são explorados, discutidos e conceituados em sala de aula de maneira contextualizada (Ribeiro; Silva; Lima, 2019, p. 108).

Para além dessas ponderações, as diferentes linguagens também podem contribuir significativamente para a inclusão das pessoas com deficiência visual, desde que sejam inseridas e desenvolvidas na sala de aula com esse objetivo, sendo imprescindível o planejamento da ação docente na prática de ensino em Geografia na perspectiva inclusiva com o uso das diferentes linguagens para contemplar algumas das ações inclusivas no espaço escolar.



PROPOSTAS DE ENSINO COM DIFERENTES LINGUAGENS PARA APRENDIZAGEM E INCLUSÃO EM GEOGRAFIA

Pensar em propostas de aprendizagem e inclusão é um desafio constante que deve estar sempre presente nas discussões e planejamentos dos professores. Permitindo uma busca por novas metodologias, linguagens e ferramentas que venham contribuir para o processo de ensino e aprendizagem na sala de aula, proporcionando novos contextos de aprendizagens para esse mundo globalizado e dinâmico em suas linguagens de comunicação quais os sujeitos estão inseridos e precisam apropriar-se dessas linguagens que o mundo cada vez mais faz uso para se expressar e comunicar, e sobretudo para incluir as pessoas com deficiência.

Assim, o profissional docente pode estar fazendo uso das diferentes linguagens para desenvolver suas aulas de forma dinâmica e inclusiva, pois “muitas são as opções de linguagens que podem servir de subsídio aos professores e alunos no ensino--aprendizagem de Geografia” (Santos e Chiapetti, 2011, p. 8). Para os estudantes com deficiência visual no ensino de Geografia, algumas opções de linguagens podem ser potencializadoras para a inclusão e uma aprendizagem significativa dos educandos.

[...] no entanto, os recursos e metodologias devem ser utilizados segundo os objetivos da aula, e conteúdo proposto. O ponto de partida para compreender e realizar uma prática inclusiva, são os caminhos perceptuais das pessoas com deficiência visual, sendo assim, os docentes devem planejar aulas visando o desenvolvimento cognitivo, e autonomia (Santos e Torres, 2021, p. 6-7).

Ou seja, as linguagens precisam ser analisadas cuidadosamente antes de serem selecionadas e praticadas em sala de aula, visando atender às necessidades e objetivos da aula, proporcionando uma maior contribuição para o desenvolvimento cognitivo e autonomia dos estudantes, sendo essas linguagens um recurso metodológico em sala e não uma totalidade da prática de ensino. Isto é, um artefato a ser inserido na sala de aula em um determinado momento para estimular, problematizar, refletir e discutir algum conteúdo geográfico, sendo de responsabilidade do docente trazer essas questões para a sala de aula para que de fato essas linguagens tenham um significado educativo na aprendizagem dos estudantes.

Portanto, as linguagens e ferramentas selecionadas nessa pesquisa foram analisadas e pensadas para serem desenvolvidas nas aulas de Geografia com o objetivo de proporcionar uma aprendizagem inclusiva e significativa para os estudantes com deficiência visual. As linguagens



selecionadas e pensadas como propostas de ensino estão destacadas para facilitar a identificação e compreensão das mesmas.

As linguagens selecionadas foram:

Música - pode ser utilizada nas aulas de Geografia em uma perspectiva inclusiva por ter a grande capacidade de promover a escuta e atenção dos estudantes, desenvolvendo a imaginação, a interpretação, sentimento, sensibilidade entre outros aspectos importantes que a música nos permite sentir e interpretar, uma vez que a música aborda em suas letras questões relacionadas ao cotidiano e contexto que os estudantes estão vivenciando, e ao fazer uma análise crítica dessa letra na sala de aula, a música passa a ter uma abordagem pedagógica no ensino de Geografia, onde as letras das músicas podem ser estudadas, analisadas e refletidas acerca das questões geográficas. Assim, as letras da música podem ser uma grande linguagem a ser explorada no ensino de Geografia. Pois:

[...] As letras das músicas retratam vários assuntos, como as questões ambientais, governo, pobreza, seca, violência, dentre tantos outros, onde são inúmeros os temas que podem ser trabalhados em relação à Geografia e que segundo Costa (2012), existe uma pluralidade de assuntos abordados por essa ciência e que podem dialogar com temas abordados por muitos compositores (Velloso, 2020, p. 2).

Nesse sentido, a música tem um grande potencial para auxiliar as questões da Geografia em sala de aula e proporcionar uma aprendizagem significativa para os estudantes, sobretudo os com deficiência visual, que a partir da escuta aprendem a Geografia de outro modo, com novas possibilidades de análise, discussão e compreensão do espaço geográfico. Essa linguagem pode ser utilizada em diferentes momentos no processo de ensino-aprendizagem, conforme afirma (Velloso, 2020, p. 3).

As produções musicais podem ser utilizadas por professores e alunos para obter informações, perguntas, comparações e até inspiração para construir conhecimentos sobre o espaço geográfico, tornando as aulas em centro de debate entre professores e alunos, de troca de conhecimentos e inserindo esses estudantes como protagonistas na construção do conhecimento.

São várias as utilidades para fazer uso da música na sala de aula, colocando os estudantes como protagonistas na construção do conhecimento, expressando suas opiniões e debatendo a interpretação da letra da música, que reflete diretamente no ensino de Geografia.

Mapa tátil - Uma linguagem que é muito importante para a ciência geográfica é a linguagem cartográfica, que representa o espaço geográfico em suas diferentes dimensões da sua realidade, auxiliando os educandos a uma compreensão ampla de um determinado fenômeno a ser estudado. Assim, essa linguagem contribui para situar os estudantes em qual escala estamos abordando o



conteúdo e compreender como esses fenômenos ocorrem em diferentes escalas. Além disso, o uso de mapas na sala de aula provoca a curiosidade dos alunos em analisar e interpretar o mapa a partir das legendas e dos elementos gráficos que direcionam uma leitura socioespacial da realidade dos estudantes.

Nesse sentido, o uso de mapa tátil na sala de aula garante aos estudantes com deficiência visual a apropriação dessa linguagem para potencializar a sua aprendizagem cartográfica e geográfica, valorizando seu modo de ver e perceber o mundo por meio do mapa tátil, que são:

Representações gráficas de formas espaciais, e fenômenos geográficos. Podem ser utilizados em conteúdos referentes à orientação e localização, são elaborados em textura, relevo e materiais diversificados e de baixo custo (Santos e Torres, 2021, p. 9).

Ou seja, é um recurso de fácil produção e acesso que pode auxiliar o professor na sala de aula e contribuir na inclusão dos estudantes com deficiência visual no ensino de Geografia, pois, “através do trabalho com um mapa tátil, deficientes visuais podem utilizar-se de seus tatos e de seus imaginários para construir mapas mentais do espaço representado, o que desencadeará fortalecimento da compreensão acerca desse espaço” (Salvador, 2007, p. 8). Assim, o contato direto dos estudantes com deficiência visual com o mapa tátil possibilita uma maior compreensão do espaço geográfico, uma vez que eles conseguem internalizar o conteúdo por meio da imaginação e compreensão do espaço representado no mapa, tornando uma aprendizagem significativa e inclusiva.

Maquete tátil - Ao fazer uso da maquete tátil no ensino de Geografia, permite-se ao aluno apropriar-se de um recurso que possibilita o contato direto dos estudantes em construir e confeccionar sua maquete com elementos que simbolizam o espaço geográfico. Assim, as maquetes táteis:

São representações de determinados objetos e formas, o principal objetivo é possibilitar a compreensão do espaço ao seu redor, ou ainda de formas espaciais de escalas distintas por meio do tato (Santos e Torres, 2021, p. 9).

Logo, o uso de maquetes se torna instrumento importante no ensino da Geografia, uma vez que oferecem várias contribuições, dentre elas está a problematização dos fenômenos naturais e/ou sociais, a troca de experiências entre alunos e professor, além de auxiliar os alunos a interpretar as informações através do tato e da visão, contribuindo para a produção, aprendizagem e internalização do saber, sob outras lentes geográficas em uma perspectiva inclusiva.

Cordel - A literatura de cordel é uma linguagem que pode ser feita diversas leituras geográficas a partir de suas narrativas que expressam os aspectos locais, culturais, sociais, econômicos, políticos e ambientais em diferente escala geográfica. Logo, essa linguagem pode



contribuir significativamente na aprendizagem geográfica dos estudantes, com auxílio da literatura de cordel, exercitando a leitura e a escuta para interpretar e problematizar as letras, relacionar com o cotidiano, discutir e trocar opiniões com os colegas e professores, nesse processo de construção do conhecimento, respeitando as contribuições de cada estudante em sala de aula. Ademais,

é pensando nesse fazer pedagógico que vejo a literatura de cordel como uma possibilidade formativa geográfica escolar, dada a potencialidade que o cordel apresenta: ludicidade, versos rimados (que devem ser entoados/declamados), linguagem mais coloquial (próxima a realidade dos alunos), ilustração xilográfica (xilogravura) com elementos que repercutem a cultura popular, além dos conteúdos narrados em forma de humor, de sátiras, de histórias surrealistas, de historiografias regionais e de temáticas geográficas plurais (Barros, 2023, p. 12-13).

São múltiplas as possibilidades de contribuição do cordel para o ensino de Geografia, seja para dinamizar as aulas, em trabalhar com a interdisciplinaridade, seja para incluir os educandos com deficiência visual e democratizar as discussões em sala de aula na construção do conhecimento.

Podcast - É uma ferramenta de grande proporção na comunicação tecnológica, compartilhando informações e debatendo diversos assuntos atuais da sociedade. Desse modo, diversas informações geográficas são divulgadas para os ouvintes, que podem ser transformadas em conhecimento, com auxílio do professor de Geografia em conduzir essa difusão da informação para o conhecimento geográfico, a partir da análise, problematização e discussão do espaço em sala de aula.

Visto que o “*Podcast* é uma ferramenta de comunicação, onde é possível se expressar, falar e abordar os mais diversos assuntos, a utilização do mesmo como prática em sala de aula e como uma alternativa didática para o ensino da Geografia” (Goronski, 2023, p. 01).

Além disso, o *podcast* tem um grande potencial para exercitar a escuta e falar dos estudantes, contribuindo para a inclusão dos educandos com deficiência visual. Podendo os mesmos, ouvir informações dos mais diversos *podcasts* como também em produzir um, debatendo temas, relatando as vivências, pesquisa de campo e compartilhando ideias pertinentes para a educação ou para a sociedade no geral.

Diante disso, são várias as possibilidades que essa ferramenta permite fazer uso em sala de aula, ao mesmo tempo exige do auxílio do professor em conduzir esse processo de produção e utilização dessa ferramenta nas suas aulas para que contribua com os objetivos propostos da aula e torne uma aprendizagem significativa, dinâmica e inclusiva no ensino de Geografia.

Relatos de vivências - Uma das categorias da Geografia é o lugar, e ao ensinar o lugar para os estudantes, o docente precisa utilizar-se de metodologias que permitam conhecer o lugar enquanto



espaço de vivência e identidade dos sujeitos. Assim, “ao estudar o lugar, pode-se atribuir maior sentido ao que é estudado, permitindo que se façam relações entre a realidade e os conteúdos escolares” (Cavalcante, 2010, p. 6).

Desse modo, compreendendo o lugar, os estudantes conseguem atribuir maior significado ao que é estudado na Geografia, permitindo aos mesmos relacionar outros conteúdos com a vivência do lugar em que eles estão inseridos, conforme afirma Manfio (2021):

Por meio do lugar pode-se entender a geografia, fazer uma leitura do mundo e do espaço local. O lugar é aquele conceito que ouve a percepção e afetividade do indivíduo, é o espaço vivido e representado pela identidade do sujeito. Porque o lugar é aquele ponto espacial visto de forma diferente por cada um, como as estrelas (Manfio, 2021, p. 20).

Ou seja, ao proporcionar espaço de diálogos nas aulas de Geografia em uma perspectiva inclusiva para os estudantes com deficiência visual, permite-se que os discentes consigam se expressar e relatar de forma democrática como cada um vê, percebe e representa o espaço geográfico para cada um. Essa troca de conhecimento representa a valorização da diversidade que existe na sala de aula e do lugar que pode ser visto, descrito, percebido, ouvido, sentido, entre outras formas que esses sujeitos se relacionam e participam na construção da identidade de um determinado lugar.

Assim, as propostas expostas até aqui tiveram como objetivo contribuir para um ensino de Geografia inclusivo, dinâmico e democrático com o uso das diferentes linguagens e ferramentas metodológicas que possam auxiliar para esse processo de ensino-aprendizagem. Ressaltando a importância do planejamento e análise das linguagens e ferramentas para os objetivos da aula e a diversidade dos educandos na sala de aula, para que possam ser valorizadas as particularidades e pluralidades do ambiente escolar como um todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, percebe-se a importância do uso das diferentes linguagens no ensino de Geografia para uma aprendizagem inclusiva e democrática para os estudantes com deficiência visual e para a dinamização das aulas, de modo que todos consigam aprender e participar na construção do conhecimento, valorizando as vivências e o modo de cada um em ver e perceber o espaço geográfico.

Assim, as diferentes linguagens podem contribuir para a inclusão e aprendizagem dos estudantes com deficiência visual de diferentes maneiras, seja pela escuta, o tato, a imaginação, seja pela expressão e socialização que as diferentes linguagens proporcionam na dinamização na sala de aula.



Portanto, fazer uso das diferentes linguagens no ensino de Geografia em uma perspectiva inclusiva é de fundamental importância para a garantia da cidadania para esses sujeitos, proporcionando uma aprendizagem significativa, na qual todos os estudantes sejam os protagonistas e contemplados nesse processo formativo e consigam internalizar uma Geografia que faça sentido e atenda suas necessidades nas suas práticas sociais e culturais.

REFERÊNCIAS

ALVES, Cícera Cecília Esmeraldo. Ensino de Geografia e suas diferentes linguagens no processo de ensino e aprendizagem: perspectivas para a educação básica e geográfica. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 6, número especial (3), p. 27 - 34, Fevereiro. 2016.

BARROS, Josias Silvano de. O cordel na educação geográfica nos anos iniciais do Ensino Fundamental. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, [S. l.], v. 13, n. 23, p. 05–21, 2023. DOI: 10.46789/edugeo.v13i23.1170. Disponível em: <https://revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/1170>. Acesso em: 11 fev. 2025.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília-DF: Senado Federal, 1988.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A GEOGRAFIA E A REALIDADE ESCOLAR CONTEMPORÂNEA: AVANÇOS, CAMINHOS, ALTERNATIVA**. ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais, Belo Horizonte, novembro de 2010. Disponível em: <http://nepeg.com/newnepeg/wp-content/uploads/2014/04/CAVALCANTI-LANA-DE-SOUZA.-A-GEOGRAFIA-E-A-REALIDADE-ESCOLAR-CONTEMPOR%C3%82NEA-ENDIPE-BH.pdf>. Acesso em: 08 fev. 2025.

Estatuto da Pessoa com Deficiência. – 3. ed. – Brasília: **Senado Federal**, Coordenação de Edições Técnicas, 2019.

FARIAS, Iara Rosa; SANTOS, Antônio Fernando; SILVA, Érica Bastos da. Reflexões sobre a inclusão linguística no contexto escolar. In: DÍAZ, Félix et al. (Orgs.). **Educação Inclusiva, Deficiência e Contexto Social**: questões contemporâneas. Salvador: Edufba, 2009. p. 39-48.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. - São Paulo: **Atlas**, 2002.

GORONSKI, Maysa Aparecida. **GEOGRAFIA E GÊNERO: O USO DE PODCAST COMO ALTERNATIVA DIDÁTICA PARA ENFRENTAMENTO DAS DESIGUALDADES**. Encontro Nacional de Ensino de Geografia, Fortaleza, 2023.

HERCULANO, Jaqueline Gomes; PIMENTEL, George. **INCLUSÃO DE UM ESTUDANTE DEFICIENTE VISUAL EM UMA ESCOLA PÚBLICA NA CIDADE DE CRATO-CE**. III CINTEDI, 2018. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/cintedi/2018/TRABALHO_EV110_MD1_SA6_ID2678_12082018212849.pdf. Acesso em: 10 fev. 2025.



MANFIO, Vanessa. O ESTUDO DO LUGAR E COTIDIANO NO ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL. **Pesquisar**, Florianópolis, v. 8, n. 16, p. 18-36, nov. 2021. Disponível em: periodicos.ufsc.br/index.php/pesquisar/in. Acesso em: 12 fev. 2025.

QUEIROZ, Cecília Telma Alves Pontes de. MOITA, Filomena Maria Gonçalves da Silva Cordeiro. **Fundamentos sócio-filosóficos da educação: as tendências pedagógicas e seus pressupostos** – Campina Grande; Natal: UEPB/UFRN, 2007.

RIBEIRO, José Marcos Silva; SILVA, Manuela Evangelista da; LIMA, Maristela Rocha. Ensino de geografia e diversas linguagens: potencialidades, contextualizações e perspectivas. In: PORTUGAL, Jussara Fraga; ANJOS, Adineide Oliveira dos; Araújo Maria Madalena Mota de; LIMA, Maristela Rocha (Orgs.). **Geografia Escolar, iniciação à docência e diversas linguagens: experiência de formação**. Salvador: EDUFBA, 2019. p. 107-123.

SALVADOR, Diego Salomão C. de O. O MAPA TÁTIL NO ENSINO DE GEOGRAFIA: ALGUMAS REFLEXÕES. **HOLOS**, vol. 2, 2007.

SANTOS, Dhúlyya de Oliveira. **Geografia e educação inclusiva: Um olhar para a formação de Geografia, na UFPE**. Recife, 2022.

SANTOS, Karoline Oliveira; TORRES, Eloiza Cristiane. **O ENSINO DE GEOGRAFIA PARA EDUCANDOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL: ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS E RECURSOS DIDÁTICOS INCLUSIVOS**. VII Congresso Nacional de Educação - CONEDU, 2021.

SANTOS, Rita de Cássia Evangelista dos; CHIAPETTI, Rita Jaqueline Nogueira. Uma investigação sobre o uso das diversas linguagens no ensino de Geografia: uma interface teoria e prática. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 15, n.3, set./dez. 2011.

SILVA, EUNICE ISAIAS DA. CHARGE, CARTUM E QUADRINHOS: LINGUAGEM ALTERNATIVA NO ENSINO DE GEOGRAFIA. **Revista Solta a Voz**, v. 18, n. 1, 2007.

UCHÔA, Márcia Maria Rodrigues; CHACON, Jerry Adriano Villanova. Educação Inclusiva e Educação Especial na perspectiva inclusiva: repensando uma Educação Outra. **Revista Educação Especial**, v. 35, 2022 – Santa Maria Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial>. Acesso em: 07 fev. 2025.

VELLOSO Telma Oliveira Soares. A música no ensino de Geografia: uma ferramenta de ensino e aprendizagem. **REVISTA PONTO DE VISTA**. N.9 – vol. 3 – 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RPV/article/view/10458/6070>. Acesso em: 25 jan. 2024.

ZUBA, Janete Aparecida Gomes. O ENSINO DA GEOGRAFIA NA ATUALIDADE: DESAFIOS E PERSPECTIVAS. **Revista Cerrados**, v. 4 - n.1 - 2006.